



LeYa

Uma
na

Bruxa Cidade

LIVRO UM

RUTH WARBURTON

Ficha Técnica

Copyright © 2012 Ruth Warburton

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2013

Título original: A Witch in Winter

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Editora assistente: Ana Carolina Gasonato

Produtoras editoriais: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Tradução: Marcia Blasques

Preparação de texto: Bóris Fatigati

Revisão: Iraci Miyuki Kishi

Diagramação e adaptação de capa: Vivian Oliveira

Diretor de produção gráfica: Marcos Rocha

Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Warburton, Ruth

Uma bruxa na cidade / Ruth Warburton; tradução de Marcia Blasques. – São Paulo: LeYa, 2013.
344 p.

ISBN 978-85-8044-856-6

Título original: A Witch in Winter

1. Literatura infantojuvenil 2. Ficção 3. Fantasia I. Título II. Blasques, Marcia
13-0594 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

2013

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP

www.leya.com.br

Para minha mãe, Alison. Com amor.

CAPÍTULO UM

A primeira coisa que me atingiu foi o cheiro – úmido e pungente. Era o cheiro de um lugar há muito fechado, de ratos, dejetos de pássaros e podridão.

– Bem-vinda à Casa Wicker – meu pai disse, e apertou o interruptor da luz. Nada aconteceu, e ele gemeu.

– Provavelmente está desconectado. Vou investigar. Aqui, fique com isso – empurrou uma lamparina na minha mão. – Vou pegar outra no carro.

Enrolei os braços ao redor do corpo, tremendo enquanto balançava o feixe de luz fino da lamparina na direção das vigas sombrias e cobertas de teias de aranha. O ar na casa era ainda mais frio do que o da noite lá fora.

– Vá – meu pai falou do carro. – Não espere por mim; vá e explore. Por que não dá uma olhada no seu quarto? Achei que gostaria do que está no alto da escada. Tem uma vista maravilhosa.

Eu não queria explorar. Queria ir para casa – só que onde era minha casa? Não em Londres. Não mais.

Partículas de poeira rodopiavam, prateadas sob a luz da lamparina, enquanto eu abria a porta à minha direita e espreitava a escuridão do outro lado. O estreito círculo do feixe de luz da lamparina brilhou de volta para mim, vindo de uma janela quebrada, e então seguiu lentamente o gesso manchado pela umidade. Imaginei que isso tivesse sido uma sala de convivência um dia, embora parecesse estranho usar a palavra “convivência” para um lugar tão morto e pouco acolhedor.

Algo se moveu no espaço escuro da lareira. Imagens de camundongos, ratos e aranhas imensas atravessaram minha mente – mas quando reuni coragem para iluminar com a lamparina, vi apenas o farfalhar das cinzas, como se, o que quer que fosse aquilo, tivesse fugido por entre as sombras. Eu me lembrei da minha

melhor amiga, Lauren, que ficava pálida só de pensar em um rato. Ela estaria sobre uma cadeira agora, provavelmente gritando. A ideia da reação de Lauren àquele lugar me fez sentir melhor, e peguei o celular no bolso e comecei a digitar uma mensagem.

Oi, Lauren. Chegamos a Winter. A festa de boas-vindas consiste em meia dúzia de ratos e...

Parei. Não havia sinal. Bem, eu sabia que aquele lugar seria isolado; meu pai chamava isso de “uma parte do charme”. Mesmo assim... Talvez eu conseguisse sinal no andar de cima.

As escadas rangeram e protestaram a cada passo, até que cheguei a um patamar com um corredor que avançava pela escuridão, no qual havia portas dos dois lados. A porta mais próxima estava entreaberta – e coloquei a mão nela e a empurrei.

Por um instante, fiquei deslumbrada com o luar que se derramava para dentro do aposento. Então, conforme meus olhos se ajustaram, vi o alto teto abobadado, o assento junto à janela de pedra, e senti o leve cheiro do mar entrando pela janela aberta.

Pela janela, eu podia ver a floresta que se estendia lá fora, quilômetro após quilômetro, e, além dela, uma lua em miniatura lançando um caminho oscilante de prata pelo mar negro como a noite. Era uma paisagem de tirar o fôlego, e, naquele instante, tive um vislumbre do que levava meu pai até aquele lugar.

Fiquei parada, completamente imóvel, ouvindo o som distante das ondas. Então, um grito áspero, não humano, atravessou o quarto, e uma forma escura se destacou das sombras. Eu me inclinei, uma fúria de asas negras agitando o ar sobre minha cabeça, e vi de relance um bico de obsidiana e olhos frios e negros, enquanto a criatura se debruçava por um segundo no peitoril. Então abriu as asas e se foi noite afora.

Meu coração batia absurdamente e, de repente, eu não queria mais explorar a casa sozinha, na escuridão. Queria meu pai, calor e luz. Quase como se fosse um sinal, houve um estalo, um clarão ofuscante, e a lâmpada no corredor se acendeu. Esfreguei os olhos, ofuscados pelo brilho áspero depois do esforço na escuridão.

– Ei, ei! – o grito do meu pai ecoou pela escada. – A eletricidade não estava desligada... era só um fusível. Desça até aqui e vou

fazer um grande *tour* com você.

Ele estava esperando na sala, o rosto brilhando de animação. Tentei reorganizar minha expressão em algo que se aproximasse da dele, mas claramente não funcionou, porque ele colocou um braço em volta de mim.

– Desculpe se isso é meio um pesadelo, querida. O lugar não era ocupado há anos, e eu devia ter percebido que tinham desligado tudo. Não é a melhor chegada ao lar, devo admitir.

Chegada ao lar. A expressão era horrivelmente vazia. Sim, esse lugar era o lar agora. Era melhor eu me acostumar.

– Vamos – meu pai me deu um apertão. – Me deixe mostrar o lugar.

Enquanto meu pai me mostrava a casa, eu tentava encontrar coisas positivas para dizer. Era bem difícil. Tudo estava caindo aos pedaços – até os soquetes e os interruptores eram de baquelite antiga, e parecia que iam explodir se tocasse neles.

– Olhe para essas vigas – ele exclamou, na sala de estar. – Deixam nossa antiga casa em estilo georgiano no chinelo, não é? Vê essas marcas? – Apontou sobre nossas cabeças para arranhões fundos na madeira escura nodosa. Pareciam talhos: cortes profundos, quase selvagens, que formavam uma série de Vs e Ws. – Marcas de bruxas, segundo o meu livro. Feitos para proteger a casa dos espíritos malignos e coisas do gênero. – Mas não tive tempo de olhar adequadamente para a madeira arranhada, porque meu pai já estava me arrastando para a próxima atração.

– E essa lareira? Dá para assar um boi aqui! É um antigo forno de pão, acho – deu um tapinha na pequena porta de madeira na lateral da peça, enegrecida e deformada pelo calor. – Tenho que tentar abrir isso um dia desses. Mas, de qualquer modo, chega de me exhibir. O que acha? Não é o máximo?

Quando não respondi, ele colocou a mão em meu ombro e me virou para olhá-lo de frente, implorando-me com os olhos para que eu gostasse, ficasse feliz, compartilhasse de seu entusiasmo.

– Gosto de todas as lareiras – eu disse, evasiva.

– Bem, vai gostar ainda mais quando o inverno chegar, a menos que eu consiga arrumar o aquecimento central em bem pouco

tempo. Mas é tudo o que tem a dizer?

– É muito trabalho, pai. Como vamos pagar isso?

Mesmo enquanto falava, repentinamente percebi que jamais dissera aquelas palavras antes. Nunca tivera de fazer isso. Não éramos ricos, mas meu pai sempre ganhara o bastante para nossas necessidades.

Meu pai deu de ombros.

– Conseguimos um lugar bem barato, considerando tudo. E eu mesmo farei a maior parte do trabalho, o que vai reduzir os custos.

– Ah, Deus! – eu disse, involuntariamente, com uma voz horrorizada. Então vi o olhar de meu pai e comecei a rir. Meu pai mal conseguia trocar uma lâmpada, muito menos fazer grandes reformas na casa. Ele pareceu ofendido por um instante, mas então começou a rir também.

– Vou conseguir alguém para consertar, pelo menos, o sistema de gás e a eletricidade, prometo – colocou o braço ao redor dos meus ombros. – Tenho um bom pressentimento a respeito deste lugar, Anna. Sei que tem sido um choque para você, realmente sei, mas sinceramente acho que podemos dar um jeito nas nossas vidas aqui. Posso escrever um pouco, plantar alguns vegetais... talvez até pudesse montar uma pequena pousada se o dinheiro ficar apertado. Este lugar só precisa de um pouco de cuidado para ficar fantástico.

Um *pouco* de cuidado? Pensei na imundície e nos ratos, e em todo o trabalho que teríamos para tornar o lugar habitável, sem contar agradável. Então olhei para meu pai, e lembrei dele em Londres, sentado noite após noite, o rosto sombrio de preocupação enquanto fazia contas, tentando encontrar uma solução para nós dois.

– Acho... – comecei a falar e parei.

– Sim?

– Acho... que se alguém pode fazer isso, é você, pai – coloquei a lamparina na cornija da lareira e o abracei com força. Então percebi algo.

– Ei – tossi para limpar a garganta. – Olhe.

Passei a mão para limpar a poeira que cobria a lareira e aproximei a lamparina. Sob a sujeira, havia cipós e folhas entrelaçados, mas

não era isso o que me chamara a atenção. No meio, havia um escudo de pedra entalhado, com um W ornamentado.

– W, de Winterson.

– Olhe só! – meu pai disse, deliciado. – Embora deva ser W de Winter, ou o mais provável é que seja pela Casa Wicker. Mas é um bom presságio. Agora, venha – deu um beijo no alto da minha cabeça. – Vamos ver se damos um jeito naquele gás encanado e conseguimos preparar um chá.



Segunda-feira era o primeiro dia do verão, mas ninguém diria isso ao olhar o céu cinzento que aparecia sob as cortinas. Eu estava deitada na cama, com as cobertas até o queixo, ouvindo o vento entre as árvores. Meu corpo estava estranho; cada músculo parecia tenso de nervoso e minhas veias pareciam cheias de algum estranho líquido formigante, como se meu sangue tivesse sido drenado e substituído por água com gás. Era aterrorizante começar em uma nova escola, depois de dez anos no mesmo ambiente reconfortante. Havia apenas quarenta garotas no ensino médio da minha antiga escola – em comparação, o Colégio Winter era imenso. E assustador. E misto.

Só para aumentar o estresse, não havia uniforme no ensino médio. O que significava que, pela primeira vez na vida, eu tinha de pensar no que vestir para ir à escola.

Arrastando-me para fora da cama, abri a porta do guarda-roupa, que parecia estranho e fora de lugar naquele quarto imenso com teto abobadado. Ao me ver no espelho, gemi. Nunca perdoei meu pai por me deixar este cabelo como legado: selvagem, escuro e indisciplinado, pronto para se rebelar na primeira oportunidade. Imagino que o resto, a pele clara e os olhos azul-esverdeados, deve ter vindo da minha mãe. Não sei, mas certamente não era o DNA de meu pai que me olhava do espelho.

Peguei um pente e comecei a tentar domar os cachos de modo a deixá-los de algum jeito que não fizesse as pessoas apontarem para mim e gargalharem no primeiro dia. Minha melhor esperança para o

Colégio Winter era não ser notada. Não estava planejando fazer amigos para a vida; só queria passar pelos próximos dois anos, conseguir minhas notas máximas e ir embora, e isso seria o bastante. Mas me ambientar seria bom, e o cabelo de doida não ia ajudar nisso.

Eu estava apenas na metade da operação quando meu pai gritou na escada:

– Café da manhã!

– Estou indo! – gritei de volta.

Um nó se formou em meu estômago.



Eram pouco mais do que três quilômetros até a cidade, e meu pai insistiu em me levar. O carro estava estacionado no meio de uma clareira na frente da casa, embaixo de uma grande e ampla faia, e fizemos nosso caminho pela grama alta, o orvalho molhando a barra dos meus jeans. Muito além da floresta, era possível ver a silhueta de alguma ruína caindo aos pedaços, no alto das falésias sobre o mar.

– Aquele é o Castelo de Winter – meu pai disse, seguindo meu olhar. – Está em ruínas agora, é claro, mas ainda dá para ver as torres – eram austeras e negras contra o azul do mar. – E aquela estrada vai ser o seu caminho para a escola – apontou para uma fenda na floresta densa e para uma estrada de asfalto negro que serpenteava ao longe sobre as falésias.

– Ainda não acredito que podemos ver o mar – eu disse.

– Em linha reta, não estamos longe – meu pai comentou. – Só parece mais distante seguindo através da mata. De qualquer modo, é melhor irmos. Não quero que se atrase no primeiro dia. Se tivermos tempo, eu a levarei além do porto de pesca... você vai gostar da aldeia de Winter. Sempre achei um lugarzinho lindo.

Ele virou a chave na ignição, e um bando de gralhas saiu da faia, assustado com o barulho. As aves voaram em círculos, alarmadas, enquanto meu pai manobrava até a estrada, e então nos seguiram pelas sombras verdes da floresta, acompanhando-nos ao longo do

sinuoso túnel de folhas, até que saímos sob o sol forte da estrada das falésias.

Meu pai dirigiu de forma constante, passando pelo castelo e pelos arredores de Winter, e seguimos o fluxo de garotos que se estendia pela rua estreita, até que chegamos a um vasto edifício que parecia mais uma prisão vitoriana que uma escola.

Colégio Winter. Era imenso. Winter era uma cidade pequena, mas a escola recebia todos os garotos dos vilarejos dos arredores; havia cinco grupos de tutoria apenas no ensino médio. Engoli em seco – e então percebi que meu pai estava esperando a resposta de algum comentário que tinha feito.

– Desculpe, pai, o que disse?

– Perguntei se há algo especial que gostaria para o jantar, para celebrar nossa sobrevivência.

Neguei com a cabeça. Comida era a última coisa que eu tinha em mente.

– Qualquer coisa está bom. Bem, Ok. É melhor...

Ele assentiu e me deu um beijo no rosto, e eu saí do carro com o coração na garganta. Quando parei, passando os dedos pela alça da mochila, meu celular tocou. Era uma mensagem da Lauren.

Oi, querida. não se preocupe, vão te amar. se não, diga que há uma turma de colegas de escola de Notting Hill que vai tornar a vida deles um inferno. Boa sorte, sinto sua falta. L. xxx

A lembrança de casa e de todos os meus amigos trouxe uma pontada súbita no fundo dos meus olhos, mas pestanejei furiosamente. Começar na nova escola com lágrimas nos olhos *não* era um bom jeito de ir em frente.

Esfreguei as bochechas, endireitei as costas e caminhei pela porta entalhada da frente.

CAPÍTULO DOIS

Meus passos ecoaram quando entrei no corredor. Eu estava olhando para uma placa de mogno com a inscrição “Em honra aos antigos alunos do Colégio Secundário Winter, que deram suas vidas na Grande Guerra 1914-18”, quando uma voz rabugenta soou.

– Ei, você!

Enrijeci o corpo e olhei ao redor. Um homem de rosto vermelho, de macacão, acenava com um esfregão para mim. Apontei para mim mesma e ele assentiu.

– Sim, você, senhorita. Nenhum aluno na porta principal!

– Sinto muito – disse, aborrecida em descobrir que minha voz tremia um pouco. – Eu não sabia... sou nova.

– Bem, saberá da próxima vez, mocinha – ele disse, em triunfo sombrio.

– Eu assumo a partir daqui, Sr. Wilkes – disse uma voz.

Sobressaltei-me e virei.

Atrás de mim estava um homem pequeno e idoso, usando um casaco de *tweed* com cotoveleiras de couro e uns óculos elegantes com aro dourado. Me estendeu a mão.

– Anna Winterson, presumo. O que é um nome muito apropriado.

– Sim, prazer em conhecê-lo, senhor... – parei, confusa.

– Brereton – ele completou. – Serei seu professor de História. Normalmente, o diretor recepciona os novos alunos, mas infelizmente ele está doente hoje. Ele me pediu que atuasse como seu substituto e a recebesse em Winter, minha querida Anna. Tenho certeza de que você será um grande complemento aos nossos quadros. O meio do ensino médio não é o melhor momento para mudar de escola, imagino, mas acho que se sentirá em casa em Winter muito em breve.

– Obrigada – murmurei.

– Aqui é um lugar amigável, de modo geral, embora um pouco fora de moda, devo admitir. Mas nos orgulhamos de manter algumas das *antigas tradições*. E você poderá descobrir que nossos interesses coincidem com os seus mais do que imagina.

Ele me deu um olhar de lado que parecia indicar que havia mais em suas palavras do que o valor aparente. Tive uma súbita e horrível premonição de que ia tentar me persuadir a participar de alguma atividade extracurricular sinistra – vestir-me de Tudor, talvez, com duvidosos trajes de náilon, e reencenar batalhas com espadas de folhas de estanho.

– Hummm, estou bem ocupada – respondi, cautelosa. – Não tenho certeza se terei muito tempo para coisas extracurriculares de início, pelo menos até me adaptar.

Ele sorriu, como se eu não tivesse entendido uma piada, mas respondeu apenas:

– É claro. Agora, temos dez minutos antes da sua primeira aula, então farei uma rápida visita guiada pela escola para orientá-la. O Sr. Henderson é muito exigente com pontualidade, mas acho que temos tempo suficiente.



– Está atrasada – disse o Sr. Henderson, sem levantar o olhar quando me esgueirei para dentro da classe cheia de olhos arregalados.

– Sinto muito – disse, ligeiramente sem ar. O ritmo acelerado do Sr. Brereton havia feito com que eu me perguntasse se tinha lembrado de passar desodorante naquela manhã. No geral, um início *brilhante* para minha nova carreira escolar. – Sou nova. O Sr. Brereton estava me mostrando os arredores agora há pouco.

– Ah – ele levantou a cabeça e me avaliou. – Anna Winterson?

– Sim.

– Bem, sente-se. Sentamos em ordem alfabética na minha aula.

Tentei não demonstrar surpresa. Parecia que o Sr. Brereton não havia exagerado quando disse que o Colégio Winter era fora de

moda. Minha escola antiga era bastante tradicional, mas ordem alfabética? Tínhamos dez anos de idade?

– Madeleine, mude de lugar, por favor. Anna, fique no lugar de Madeleine.

Uma garota alta e magra no fundo da classe pareceu repentinamente furiosa.

– Ah, mas Sr. Henderson, acabo de colocar todas as minhas...

– Winterson vem antes de Woburn ou não, Madeleine? A menos que queira mudar de nome, sugiro que mude de lugar.

– Sim, Sr. Henderson – ela se levantou, amontoando os livros com força desnecessária, e passou para a mesa seguinte, deixando um espaço livre. Eu me sentei, sentindo o rosto pegar fogo, desejando que o chão pudesse me engolir. A força do olhar dela, do meu lado esquerdo, era como um alto-forno.

– Todo mundo abra na página oitenta do livro azul, por favor.

Houve um farfalhar generalizado, e eu suspirei para dentro, levantando a mão. O Sr. Henderson estava escrevendo no quadro e não se virou.

– Vou arrumar um livro para você na próxima aula, Anna. Enquanto isso, por favor, partilhe com Seth.

O garoto sentado perto de mim empurrou o livro e sorriu.

– Oi. Seth Waters – ele sussurrou sob o som do giz do Sr. Henderson.

– Sou Anna – sussurrei de volta.

Ele me estendeu a mão e eu a balancei em silêncio. Era seca, forte e muito quente, e eu estava terrivelmente consciente da minha mão grudenta e suada de correr atrás do Sr. Brereton. Havia calos na palma e nos dedos dele. E graxa profundamente sedimentada ao redor das unhas curtas e quadradas. Eu me perguntei o que ele fazia que deixava as mãos tão ásperas.

– Espero que você seja boa em diferenciação, Anna. Porque estou começando a pensar que eu devia ter escolhido Matemática Aplicada e Estatística no fim das contas.

Na verdade, eu *era* boa em diferenciação, e também já tinha estudado o tipo de equação que o Sr. Henderson estava esboçando

no quadro. O que era uma coisa boa, já que estava completamente incapaz de me concentrar.

Seth Waters era provavelmente o garoto mais bonito que eu já tinha visto. Dizer que tinha cabelo escuro encaracolado, olhos escuros e pele bronzeada era verdade, mas mesmo assim não era só isso – ele tinha alguma coisa indefinível que me deixava totalmente incapaz de afastar o olhar. Não podia parar de olhar de relance para ele, fingindo ler a página oitenta, mas, na verdade, observando os músculos de seus antebraços se movendo sob a pele bronzeada enquanto ele escrevia, o cordão de contas em volta do pescoço, o movimento do pomo de adão quando ele engolia.

Quando abaixei os olhos para o livro, vi que meu braço estava realmente arrepiado e mordi o lábio com força, para me trazer de volta à realidade. Aquilo era patético! Primeira aula, e eu já estava tendo ondas de calor e palpitações. O que viria na sequência? Ia desmaiar na aula de Inglês ou coisa assim? Não era como se eu nunca tivesse visto um garoto antes, pelo amor de Deus. Ok, eu não costumava ter aula com eles diariamente, mas conhecia *muitos* garotos. Londres não tinha exatamente uma carência de pessoas do sexo masculino. Mas, eu precisava admitir, nunca tinha conhecido alguém como Seth Waters. Com certeza, no entanto, não poderia haver muitos mais como ele na escola. Se houvesse, eu teria sérios problemas com minhas provas, disso tinha certeza.

Parecia que eu não seria a única. Talvez Seth estivesse certo, e devesse ter escolhido Matemática Aplicada e Estatística, porque ele certamente não parecia muito interessado em Matemática pura. Dormiu de olhos abertos a maior parte da aula, olhando pela janela para o mar brilhando ao longe. No fim da aula, recolheu os livros e me deu um sorriso devastador que fez dobrinhas na pele bronzeada de suas bochechas.

– Prazer em conhecê-la, Hannah.

Hannah. Que bom. Eu claramente causei uma forte impressão.



A aula seguinte era Estudos Clássicos, e éramos livres para escolher nossos lugares. Cheguei cedo desta vez, mas, mesmo assim, fiquei parada na porta, nervosa, sem querer repetir a hostilidade com Madeleine se, de algum modo, escolhesse o lugar errado. No fim, uma garota de bochechas rosadas em um vestido vermelho-vivo ficou com pena de mim.

– Ei, você é a Anna, não é? Vi você na aula de Matemática. Venha se sentar com a Liz e comigo.

– Eu adoraria, obrigada – sentei, grata, à mesa com elas e disse:
– Me desculpe, eu vi você também, mas não sei seu nome.

– Sou a June. E essa é minha amiga, a Liz – cumprimentei Liz com a cabeça, e ela sorriu timidamente, escondendo o rosto atrás de uma cortina de cabelos loiros.

– Obrigada por me deixarem ficar na mesa de vocês, eu estava preocupada em escolher o lugar errado.

– Ah, imagina... depois daquilo com a Madeleine? – June riu enquanto pegava seus livros. Era mais esperta do que parecia. – Não se preocupe com isso, Anna. Madeleine é só um dos mil e um membros do fã-club de Seth Waters. Um tédio.

– Ah, também acho – Liz concordou. – É tão chato. É como se ele e a Caroline fossem o rei e a rainha da escola.

– A Caroline é a namorada dele – June explicou. – Graças a Deus não temos baile de formatura aqui, ou teríamos que aguentar eles sendo coroados e toda aquela besteira. Mas não sei se o Sr. Harkaway permitiria isso. Seth não é exatamente a bola da vez com as autoridades...

– Como assim? – perguntei. June revirou os olhos.

– Ah, você sabe, o normal. Bebida, cigarro, fazer uma tatuagem mesmo contra as regras. Ele foi suspenso um ou dois anos atrás por entrar em uma briga e bater a cabeça de um cara na parede, mas acho que não adiantou de nada. Vem de um lar desfeito, não sei. De qualquer forma, a reputação dele não parece afetar nenhuma das cabeças de vento. Imagino que toda escola tenha seu arrasa-corações. Era assim na sua última escola, Anna?

– Não exatamente. Minha última escola era só de meninas.

– Ah, que terrível! – Liz parecia comicamente horrorizada. – Coitada de você! – então corou, como se estivesse sentindo que havia sido muito crítica. – Embora possa ser bom, também. Provavelmente torna a vida muito mais simples.

– Sim, há muito menos galinhagem ao redor quando não há gente como Seth – June acrescentou.

– Ele pareceu Ok quando eu sentei perto dele – eu disse. Irritantemente incapaz de se lembrar do nome de uma pessoa, é certo, mas não mal-intencionado, eu tinha de dizer.

– Não é ele – June disse. – É o efeito que ele tem na metade feminina da população. Além disso, a Caroline é uma completa vadia. Desculpe, eu realmente odeio essa palavra, mas ela é. Sempre foi um pé no saco e, desde o ano passado, quando começou a sair com Seth, ela anda insuportável. Você pensaria que ele lhe confere poderes divinos. Se ela não está fazendo comentários maliciosos sobre virgens, está reclamando sobre quem está tentando roubá-lo dela e, se não é isso, é como ele é maravilhoooooooooso na cama.

Ela se abanou com a lição de casa de Estudos Clássicos, sem esperar resposta, e eu fiquei contente. Não havia muita coisa que eu pudesse dizer a esse respeito.



No fim da manhã, eu estava totalmente exausta, mas também um pouco aliviada. Tinha ido bem nas aulas, ou pelo menos era o que parecia, então imaginei que as gordas mensalidades escolares que meu pai havia pago não tinham sido um completo desperdício. Eu tinha conseguido, até então, não me desgraçar academicamente ou, descontando o entreviro com Madeleine, socialmente.

Eu hesitava na porta da cantina, tentando decidir se comprava um sanduíche na cidade e me poupava da mortificação de sentar sozinha por uma hora, quando ouvi a voz de Liz atrás de mim.

– Ei, Anna, gostaria de sentar com a gente?

Assenti, grata. Ela e June me arrastaram até a mesa delas na cafeteria e me apresentaram para seus amigos, todos

aparentemente gentis. Respondi a várias questões sobre Londres, como “Não é, em grande parte, tipo, perigosa?” e “Não há um imenso problema de drogas?”. Todos pareceram bem desapontados em descobrir que eu nunca tinha sido assaltada, que não ia a inferninhos no centro da cidade e que anorexia era um problema mais sério na minha escola do que drogas.

Apenas uma gafe estragou o intervalo, já perto do fim do almoço. Liz perguntou se eu gostava de cavalos. Respondi um enfático não, e então percebi um exemplar de *Cavalos e Cães de caça* enfiado em uma das mochilas dos amigos dela. *Ops*. Questionamentos mais próximos revelaram que eram todos ex-membros do Clube do Pônei e que pelo menos três deles tinham cavalos. Uma delas, uma garota de ossos grandes e sólidos, chamada Prue, tinha um estábulo perto da nossa casa.

– Uau, você vive na Casa da Bruxa? – Prue perguntou quando mencionei onde morava. – Costumávamos ficar, tipo, *tão* assustados com aquele lugar quando éramos pequenos! Eu nunca deixava minha mãe me levar pela estrada principal para os estábulos depois que escurecia; ela sempre tinha de ir pela pista para que eu não tivesse de passar pelo portão.

– A Casa da Bruxa, é assim que você a chama? – perguntei.

– Sei que na verdade se chama Casa Wicker, mas ninguém jamais a chama assim. Sempre foi conhecida como Casa da Bruxa, assim como a floresta sempre foi conhecida como Floresta da Bruxa.

– Minha mãe diz que é Casa da Bruxa de qualquer maneira – Liz comentou. – Ela diz que Wicker é uma corruptela de “wicce”, que é a palavra anglo-saxã para “bruxa”.

– Eu disse isso para o meu pai quando ele me perguntou por que eu não voltava sozinha para casa pela floresta – June contou, com a boca cheia de sanduíche. – Ele diz que é bobagem. Diz que é chamada de Floresta Wicker por causa dos juncos¹ ao longo do rio.

– Que seja – Prue fez um sinal de desdém com a mão. – É bem assustador depois que escurece, é tudo o que eu tenho a dizer. Não invejo sua volta para casa, Anna.

– Ah, não se preocupe – eu disse. – Não sou supersticiosa.



História, depois do almoço, foi bem, mas me atrasei novamente para a quarta aula, de Inglês. A sala ficava escondida em cima do laboratório de Química e era difícil de encontrar. Cheguei quando a aula estava prestes a começar e procurei desesperadamente por um assento vago. Havia apenas um, perto de uma garota de aparência séria, com longos cabelos escuros e óculos angulosos, inclinada sobre uma cópia de *Macbeth*.

– Com licença – eu disse. – Se incomoda se eu sentar aqui?

– Se for preciso... – ela respondeu, com uma voz que claramente queria dizer “Por favor, não”.

Olhei ao redor, mas a sala estava tão cheia que fui obrigada a me sentar mesmo assim. Peguei os livros da mochila, olhando para ela de canto de olho. Ela usava um cardigã cinza apertado, com mangas gastas, e, enquanto lia, seus dedos pegavam sem descanso os fios soltos da blusa.

O que eu poderia dizer? Algo sobre *Macbeth*? Ou seria muito pedante?

– Hum... – tentei, mas ela ignorou meu olhar, e eu ainda estava tentando pensar em uma forma de iniciar a conversa quando a aula começou.



Finalmente, o sino tocou indicando o final do dia, e eu reuni meus livros com uma sensação de profundo alívio por ter sobrevivido ao primeiro dia. A garota começou a guardar suas coisas na mochila, o longo cabelo negro escondendo o rosto.

– Foi bom te conhecer – eu disse, sem convicção. – Qual é o seu nome? A propósito, o meu é Anna.

– Eu sei – ela disse, e enfiou a cópia de *Macbeth* bruscamente na mochila, saindo da sala sem olhar para trás.

[1.](#) *Wicker*, em inglês, significa “vime”, daí a relação estabelecida com o junco. (N. do T.)

CAPÍTULO TRÊS

Eu estava deitada na banheira de ferro fundido, no odioso alpendre, tentando ignorar o vento que soprava pelos vãos do telhado enrugado. A água estivera fumegante quando entrei, mas já estava ficando fria. Muito fria. Empurrei a torneira de água quente com o dedão do pé e saiu um filete laranja de ferrugem, e se misturou à água de banho escura. Estremeci.

Não me sentia bem desde que chegamos a Winter; eu estava sempre tensa, pronta para alguma coisa – não tinha certeza do quê. Parecia passar o tempo todo me contendo; cheia de dedos perto do meu pai, tentando não ofender ninguém na escola, tentando atuar sob as regras dessa nova comunidade estranha. Meu pescoço e ombros doíam com o esforço de guardar tudo isso – o que quer que *isso* fosse.

Mesmo assim, pelo menos era sexta-feira. Só mais um dia para aguentar na escola. Pensar nisso me fez olhar o relógio colocado sobre o vaso sanitário: era hora de me aprontar. Chegaria atrasada nesse ritmo.

Quando comecei a me preparar para enfrentar o início de um congelamento, houve um poderoso estrondo na sala de estar, seguido por um silêncio sinistro.

– Pai? – gritei. Quando ele não respondeu, gritei mais assustada:
– Pai!

Então saí da banheira em um salto e corri.



– Pai? – girei a maçaneta da porta da sala de estar com a mão molhada.

Ele estava parado, com o macacão manchado de tinta, um pé de cabra em uma mão e um amontoado de papel e um pedaço

enegrecido de carvalho de cerca de quinze centímetros de espessura na outra.

– Que inferno! – o alívio me deixou irritada. – Por que não respondeu quando eu gritei? E por que raios você está brincando de “faça você mesmo” às oito da manhã?

– Sinto muito, querida – ele disse suavemente. – Não ouvi você – apontou para o maço de papéis com um aceno de cabeça. – Consegui abrir aquele forno de pão... mas, que diabos, foi uma luta. Olhe como a porta era grossa! Eu estava certo, era um forno, e encontrei isso escondido lá dentro; parece algum tipo de livro. Pode deixá-lo na cozinha até que eu me limpe?

– Claro – peguei cuidadosamente por uma ponta. Estava três quartos queimado, coberto de teias de aranha e levemente manchado de tinta onde meu pai o tocara. Parte da capa estava visível e pude ler as palavras:

... e Hroc

Grimoire

Que raios era um Grimoire? Ou um Hroc? Parecia um velho livro de receitas, mas eu não ia começar a folheá-lo – meu pai era o único interessado naquele lugar. Ele que ficasse com as mãos sujas. Deixei o livro no peitoril da janela e comecei a preparar uma xícara de café para mim. A tomada soltou faíscas quando liguei a cafeteira, e dei um salto. Céus, eu odiava aquele lugar. Não era possível nem fazer uma xícara de café sem arriscar a própria vida. Quanto antes meu pai conseguisse refazer as instalações elétricas, melhor.

Meu pai chegou assim que terminei de passar o café.

– Ah, bom, tem o bastante para mim?

Eu lhe servi uma xícara e, enquanto bebia, ele disse:

– Eu te falei que preciso ir para Londres amanhã?

Uma viagem para Notting Hill! Lauren, Suzie, todos os meus velhos amigos... quase fiquei sem ar, mas consegui balbuciar:

– N-não, por quê?

– Preciso refazer a coroa do dente e não temos registro com nenhum dentista aqui ainda. Pensei em ficar com James e Lorna enquanto estiver por lá.

Ah. James e Lorna eram amigos do meu pai de muito tempo; tinham um *flat* de um quarto em Bloomsbury. Meu pai teria de dormir no sofá, e não havia quarto para mim.

– Vai ficar bem enquanto eu estiver fora?

– Claro – respondi, tentando esconder o desapontamento.

– De verdade? Porque este lugar pode ser bem assustador à noite, eu sei. Estava me perguntando se não gostaria de convidar algumas das suas novas amigas para ficarem aqui e te fazerem companhia.

Suprimi a vontade de responder que não *tinha* nenhuma nova amiga e tentei manter um sorriso convincente no rosto.

– Vou ficar bem, de verdade. Não se preocupe, pai. Aproveite – então olhei para o meu relógio. – Ah, inferno. Eu tenho de correr.



8h44. Eu mal tinha percorrido um terço do caminho até a escola. Estava começando a chover – ah, e havia uma pedra no meu sapato. Seria possível que aquela manhã ficasse ainda melhor?

Ajoelhei-me ao lado da estrada e tirei o sapato, escarafunchando dentro dele para tentar encontrar a maldita pedra. À distância, veio o ruído de um motor, leve sobre o barulho das ondas. Estava ocupada demais amarrando o sapato para levantar a cabeça, até que uma caminhonete surrada passou rapidamente, rápido demais, suas rodas agarrando minha mochila da escola e arremessando-a longe. Os livros voaram no ar, e papéis e canetas choveram do céu como destroços de uma bomba.

– Seu imbecil! – gritei para o motorista. – Você está dirigindo como um maníaco!

Presumi que ele não ouviria por causa do barulho do motor, mas houve um guinchar de freios e a caminhonete se deteve. A porta do

motorista se abriu, e engoli em seco – preparando-me para um ataque de raiva na estrada.

Era Seth Waters. Ele saiu correndo, o rosto pálido.

– Anna, eu sinto muito, muito mesmo.

Hum. Bem, pelo menos ele acertou meu nome desta vez. Resisti à vontade de dizer “Está tudo bem, de verdade, Sam”, e me concentrei em recolher meus pertences.

– Eu realmente sinto muito – ele repetiu, ajoelhando-se ao meu lado na terra para reunir canetas e folhas de papel A4.

– Não vi você na grama alta. Não esperava encontrar alguém por aqui... ninguém faz esse caminho nesse horário do dia. Não que isso seja desculpa.

– Acabamos de nos mudar para a Casa da Bruxa. Quero dizer, para a Casa Wicker – respondi, de mau humor. – Então vou fazer esse caminho regularmente a partir de agora. Seria bom se tentasse não me atropelar no futuro.

– Me deixe dar uma carona para você pelo resto do caminho.

– Não, obrigada – eu ainda tremia do quase acidente e estava irritada demais para confiar em mim mesma para ser educada durante o trajeto.

– Ei – ele segurou meu ombro e me virou para que eu olhasse para ele. O rosto dele estava cheio de remorso. – Eu realmente sinto muito, muito mesmo. Por favor, não vai me deixar dar uma carona, pelo menos para poupar a caminhada?

Os olhos dele imploravam; eu me senti amolecer. A parte de mim que ainda estava zangada queria retrucar “O quê? E arriscar minha vida novamente?”. Mas, em vez disso, simplesmente dei de ombros. O semblante gelado de Caroline apareceu em minha mente.

– Por favor? – Seth segurou minha mochila e o maço amassado de folhas de lição de casa. – Prometo que não vou ultrapassar o limite de velocidade. – O calor de seu sorriso e o tom de voz persuasivo eram impossíveis de resistir. Relutantemente, devolvi o sorriso. – Vamos, você sabe que quer ir. De qualquer forma, você está atrasada.

– Se tem certeza... – eu ia dizer “se tem certeza de que sua namorada não vai se importar”, mas de repente pareceu estranho,

presunçoso. Detive-me.

– É claro que tenho certeza! É o mínimo que posso fazer depois de atropelar sua mochila. Vamos, suba.

Assenti e subi na caminhonete, e Seth ligou o motor novamente com um rugido.

– Desculpe – ele falou sobre o ruído do motor. – Faz um pouco de barulho, eu sei. Eu o herdei do meu pai; ele era encanador.

– O que ele faz agora? – gritei de volta.

Seth deu um sorrisinho sem graça de desculpas e encolheu os ombros.

– Ah, bem, ele morreu. Câncer de pâncreas.

– Ah! – fiquei vermelha de vergonha. – Sinto muito. Eu não sabia. Foi recente?

– Quatro anos neste verão. Não se preocupe, não tinha como saber. De qualquer modo, é bom falar sobre ele. Ninguém mais faz isso.

– Como ele era?

– Ótimo. Realmente sinto falta dele.

Seguimos em silêncio por um tempo, então Seth perguntou:

– O que o seu pai faz?

– Ah, ele era corretor de ações. Mas perdeu o emprego. Por isso tivemos que mudar – meu rosto pareceu rígido, com o esforço de tentar dizer as palavras casualmente. As lembranças pipocaram de modo espontâneo em minha mente: meu pai chegando em casa trôpego do trabalho, o rosto pálido e contraído; as pilhas de contas atrasadas na mesa da sala; o som de martelar enquanto pregavam a placa “vendido” do lado de fora da nossa casa.

– Ah, sinto muito. – Ele olhou para mim com seus intensos olhos escuros. Pareciam cheios de preocupação, embora eu não pudesse imaginar por que ele daria a mínima para o trabalho do meu pai. – O que aconteceu?

– Ele foi despedido e... bem... teve uma espécie de colapso – respondi, relutante. – Então, esse é um tipo de novo começo para ele. Para nós dois.

– O que ele está fazendo agora?

– Nada. Está só consertando nossa casa. Bom, ele tem algumas ideias de escrever um livro sobre a história da pesca na costa sul, mas não vejo isso acontecendo tão cedo – tentei rir.

– Parece interessante – Seth comentou. Olhei para ele bruscamente, para ver se estava sendo sarcástico, mas ele parecia sério. – O que a sua mãe faz?

– Minha mãe... – odiava esse momento. – Bem, morta também, eu acho.

– Agora eu sinto muito de novo. Especialmente porque parece que meti os pés pelas mãos duas vezes, com o trabalho de seu pai e tudo o mais.

– Não, tudo Ok, de verdade – tentei explicar, sem querer parecer falsa. – Não é como o seu pai. Eu nunca a conheci. Ela... ah, Deus, é tudo tão difícil de explicar.

– Como assim?

– Bem... – em geral eu me livrava dessa conversa com algumas respostas-padrão e as pessoas recuavam para não se intrometer na minha dor, mas senti que não podia fazer isso diante da honestidade de Seth sobre seu pai. – Ela desapareceu quando eu era um bebê... lembro que foi declarada legalmente morta quando eu tinha uns sete anos, mas é tudo o que sei. Na verdade, não tenho direito de sentir falta dela ou coisa do gênero. Nunca a conheci.

– Claro que tem direito de sentir falta dela – Seth disse em voz baixa. Ele mudou de marcha, o braço roçando no meu. Minhas bochechas arderam. Isso estava ficando fora de controle; Ok, o cara tinha realmente uma boa aparência e, apesar do que June dissera sobre sua reputação, ele parecia bem gentil também, mas estava seriamente comprometido. Não ia começar minha vida em Winter roubando o namorado de alguém; mesmo na hipótese improvável de ele também me querer.

A atmosfera na caminhonete parecia carregada demais para ficar confortável, então tentei dar uma risada, que saiu mais vacilante do que eu teria gostado.

– Desculpe, isso é um pouco pesado para uma manhã de sexta-feira, não é? Devíamos estar conversando sobre o que vamos fazer no fim de semana ou algo assim.

– Ei, está tudo bem – Seth parou a caminhonete e, repentinamente, percebi que estávamos no estacionamento da escola. Ele se virou para me encarar e me deu um semiabraço meio desajeitado pelo assento. – É bom – ele disse, em meu cabelo. – Eu não falava sobre o meu pai há muito tempo. É bom conversar com alguém que sabe como é.

Para meu espanto, senti um soluço começar a vir de dentro de mim. Não era minha mãe – não podia ser. Nunca a conheci o bastante para lamentar por ela. Era tudo – a tensão de começar em uma nova escola, perder todos os meus amigos, estar o tempo todo sozinha. Mas, principalmente, era o quão gentil Seth estava sendo. Ele deve ter sentido o tremor em meu peito porque me abraçou com mais força, e senti um turbilhão de emoções complicadas em meu estômago. Estava desconfortavelmente ciente de seus braços quentes ao meu redor, e de sua bochecha áspera com a barba por fazer contra meu rosto. Do lado de fora houve um estrondo de trovão, e eu pulei.

– Seth, sinto muito – afastei-me em um salto e sequei meus olhos no espelho retrovisor. – Realmente não sei o que há de errado comigo... deve ser TPM ou coisa assim – eca! Mentalmente, dei um tapa na testa: o que eu estava fazendo? Falar sobre TPM com um sujeito atraente? Tinha certeza de que isso não estava em *As regras*². Por sorte, ele sorriu.

– Bem, está tudo certo com você, então. Do que eu precisava me desculpar mesmo?

Dei uma risada e saí da caminhonete desajeitadamente. O veículo era mais alto do que eu estava acostumada, e derrubei a mochila, espalhando os papéis para todo lado novamente. Quando terminei de recolhê-los, Seth já havia sido levado pelo seu fã-clube, todos gritando, gargalhando e fazendo planos para o fim de semana.

Só uma pessoa ficou. A namorada de Seth, Caroline, estava parada no estacionamento, os braços cruzados, olhando para mim com os olhos azuis apertados. Enquanto eu me endireitava, ela esmagou o cigarro com o calcanhar, encarando-me o tempo todo. Então, ela se virou e, jogando os longos cabelos sedosos, desapareceu para dentro do prédio, acompanhando seus amigos.



– O que você vai fazer neste fim de semana, Liz? – June perguntou enquanto pegávamos nossos livros para a aula de Estudos Clássicos.

– Ah, vou tentar terminar meu ensaio sobre os vasos gregos, eu espero. E quanto a você?

– Vou dar uma boa limpada nos estábulos. E você, Anna?

– Não tenho certeza – respondi. – Meu pai vai para Londres, mas não há espaço para mim. – Não quis que soasse tão desesperado quanto saiu.

– Ah, meu Deus, você vai ficar sozinha naquela casa assustadora? – June gritou. A Sra. Finch lhe deu um olhar significativo, e ela abaixou a voz. – Não vai ficar com medo?

Dei de ombros pela metade.

– Meu pai sugeriu que eu convidasse algumas pessoas para ficar comigo, mas... – calei-me, então algo no rosto amigável e aberto dela me fez perguntar. – Não suponho... vocês duas gostariam de...? Quero dizer, não se preocupem se estiverem ocupadas, mas...

– Não estou ocupada! – June disse imediatamente. – De fato, seria ótimo. Posso ir direto para os estábulos no domingo e vai me poupar uma caminhada. Posso convidar Prue também? Então nós duas poderíamos começar cedo.

– Claro! – garanti, encantada com o entusiasmo dela. – E quanto a você, Liz?

– Uaaau, por que não? Sempre quis passar a noite em uma casa assombrada.



– Tem certeza de que vai ficar bem? – meu pai perguntou pela milionésima vez, parado na porta, a mochila no ombro. – Sei que vai ficar bem, mas eu realmente não gosto de te deixar aqui sem nenhum acesso ao telefone.

– Eu vou ficar *bem* – respondi com firmeza. – Eu falei para você: três amigas vão vir para cá e nós vamos ter um ótimo fim de

semana.

Fiquei parada à porta, acenando para ele enquanto o carro sacudia pela estrada esburacada. Em pouco tempo, eu já não era mais capaz de vê-lo, apenas ouvia os estalos e rangidos dos ramos na estrada. Então o som do motor cada vez mais fraco, enquanto meu pai desaparecia na estrada principal. Então... nada. Eu estava sozinha. Sozinha na Casa Wicker.

A pesada porta da frente se fechou e, de repente, a casa estava cheia de pequenos ruídos, quase como se estivesse despertando, espreguiçando-se, bocejando. Um relógio tocou; os canos se expandiram, soando e retinindo; as tábuas do assoalho rangeram; o vento soprou e gemeu no labirinto de chaminés cavernosas. A casa estava ganhando vida.

– Ok – eu disse em voz alta, e minha voz soou pequena e solitária aos meus próprios ouvidos. – Melhor começar.

Eu as avisara a respeito do estado do banheiro, então esperava que todas se lembrassem de tomar banho antes de vir, mas tentei esfregar a maior parte do limo verde da banheira. Então fiz uma forma imensa de brownies, troquei os lençóis da cama do meu pai, para que pudessem ter onde dormir, e desenrolei o futon no chão do meu quarto.

Estava colocando mais lenha na lareira da sala de estar quando ouvi o ruído de pneus na estrada lá fora. Olhando pela janela, vi que o crepúsculo tinha caído e que Prue, Jane e Liz estavam saltando do maltratado Land Rover de Liz, acenando para mim quando me viram. Liguei o interruptor da lâmpada de fora, estremecendo quando ele fez um barulho e fiascou sob a minha mão.

– Ah, meu Deus! – June disse enquanto entravam no hall, respirando congelada o ar frio. – Este lugar é incrível.

Ela espiou a sala de estar.

– Seu pai deve ter feito milagres. Está tãããã bonito, como algo saído da capa da *Casa Vogue!*

Meu pai tinha avançado muito em sua semana de decoração. Ele tinha pintado as paredes de uma espécie de creme-escuro, e o chão havia sido encerado e polido. Agora brilhava sob a luz da lareira, refletindo pequenos clarões de luz dos painéis irregulares da grade

de chumbo das janelas. A lareira esculpida havia sido limpa, e agora era possível ver os estranhos animais e plantas que se entrelaçavam e se enrolavam nas pedras.

Ainda não chegava aos pés da nossa adorável casa em Londres, mas, vendo pelos olhos das minhas amigas, percebi o quão duro meu pai tinha trabalhado para tentar criar um lar para nós. Mesmo assim, eu apenas respondi:

– Bem, não fale tão cedo. Espere até ver as partes da casa que ele *não* decorou.

Liz e June queriam circular pela casa imediatamente, mas Prue disse:

– Compramos pizzas... elas vão ficar frias. Não devíamos comer primeiro?

Então nos sentamos ao redor da mesa da cozinha e comemos fatia após fatia da pizza, fofocando sobre Winter e todos os seus habitantes.

– É o tipo de lugar que, a menos que seus avós tenham nascido à sombra do Castelo de Winter, ainda vão se referir a você como “recém-chegado” – Prue explicou, entre mordidas. – Todo mundo praticamente conhece todo mundo, e a maior parte das pessoas tem raízes na indústria da pesca, se olhar seus antepassados.

– Quão antiga é Winter, então? – perguntei.

– Ah, é da época do livro de Domesday³, se não antes – Liz disse. Ela era muito interessada em História, eu tinha descoberto, e sua timidez desapareceu quando começou a falar. – Havia um assentamento nas falésias, nos tempos romanos. Mas não chegaram à região do porto até a Idade Média; imagino que por causa do risco de ataque pelo mar, ou talvez por causa das inundações.

– Há inundações hoje em dia? – perguntei.

– Não mais. Há defesas no porto.

– Houve uma inundação terrível no século dezessete – Prue disse com prazer. – Muitas pessoas morreram. Supostamente foi causada por uma bruxa, e os aldeões a queimaram por isso.

– Eles não a queimaram – Liz corrigiu. – Eles a apedrejaram e a mandaram embora, e ela foi pega pela inundação e se afogou.

– Vamos encarar, é tudo bobagem de qualquer maneira – June começou a dobrar as caixas de pizza para a reciclagem. – Ela não era uma bruxa, era? Provavelmente era só uma velhota com vizinhos desconfiados e desagradáveis.

– Era tudo culpa das drogas, segundo o livro que eu li – Liz começou a limpar as migalhas da mesa. – Elas esfregavam alguma coisa em suas vassouras, beladona ou algo do gênero, e isso lhes dava a ilusão de poder voar.

– O que mostra que não há nada de novo sob o sol – June comentou. – Todas as predições apocalípticas do Sr. Harkaway sobre a juventude da cidade desperdiçar com drogas a educação que lhes é dada, e acontece que era a mesma coisa no século dezessete.

– Sim, você ainda não participou de uma das assembleias do Sr. Harkaway sobre a Maldade da Bebida, já? – Prue perguntou.

– Ah! Falando nisso – eu repentinamente lembrei. – Meu pai disse que podíamos beber uma das garrafas da geladeira. Querem?



No fim, bebemos todas as três, duas de espumante e uma de vinho *rosé*. Comemos praticamente toda a forma de brownies, além de um pote de sorvete. Em seguida, trocamos piadas grosseiras e condoídas sobre as vidas amorosas umas das outras. Liz e June iam participar do Baile de Maio dos Jovens Fazendeiros, em algumas semanas, e ambas estavam muito pessimistas sobre as possibilidades de encontrar um parceiro.

– Fui com Mark Pargiter ano passado – Liz contou –, e foi *horrível*. Ele simplesmente me ignorou a noite toda e passou o tempo inteiro conversando com meu irmão e comendo canapés. Então, no fim, ele disse: “Vai me dar um beijo de língua ou não?”. Honestamente. Que estúpido.

– Por que você apenas não vai? – perguntei.

Prue revirou os olhos.

– É uma boa pergunta.

– Olhe, não é tão simples – June lamentou. – Meus pais são do comitê, então eu não posso simplesmente não comparecer. E sempre há a leve, leve esperança de que Philip Granger possa cair em si e me convidar.

– Por que você não convida ele, mulher? – Prue disse, as palavras levemente enroladas. – O garoto é tão teimoso que é quase um caso médico. Nunca vai se curvar o bastante para te convidar... você tem que convidá-lo. Não tem que refletir, ele só const... – ela soluçou. – Consti-tit... preocup...

– Liz não se sai melhor com James – June disparou, irritada. Liz ficou roxa de vergonha e negou violentamente com a cabeça.

– É totalmente diferente, June, e você sabe disso.

– Sei que ele está saindo com alguém, mas, pessoalmente, acho que você escolhe esses tipinhos inalcançáveis para que realmente não *tenha* que convidar ninguém.

– Acho que estou enjoada – Prue disse de repente, no momento em que as luzes se apagaram.

– Ah, inferno, deve ser um corte de luz – a voz de June de repente estava muito sóbria na escuridão.

– Esperem aí, acho que há uma tocha no parapeito da janela – fui até a janela da cozinha e tateei ao longo dela. Era tudo estranho na escuridão; protuberâncias e inchaços estranhos, poeira sob minhas unhas. Nenhuma tocha. Só a intensa escuridão do campo me pressionando, tão grossa que era quase palpável. O ar era tão escuro que, de alguma forma, era difícil respirar.

Então meus dedos tocaram em um pedaço de papel, áspero e grosso, como um pedaço rasgado de papel de parede. Tateei meu caminho pelo balcão até o fogão e acendi a ponta do papel no fogo. Ele brilhou, vivo, iluminando o aposento só o bastante para que eu conseguisse ver a tocha, bem onde pensei que estivesse. Peguei-a, bem quando o papel chamuscou meus dedos e eu o derrubei. Assim que tive a tocha acesa em segurança, me abaixei e o peguei.

– Espero que não seja nada importante – espiei sob a luz da tocha.

Prue olhou sobre meu ombro.

– É uma carta ou algo assim?

– Não tenho ideia. Ah, não! – de repente, percebi o que era. – É um pedaço do livro de receitas do meu pai.

– Um livro de receitas? – Liz olhou para o papel, a luz da tocha refletindo em seus óculos. – Não parece um livro de receitas. O que diz?

– O restante dele está aqui – mostrei o maço de folhas carbonizadas. – Meu pai encontrou enquanto estava redecorando. Pensou que pudesse ser um antigo livro de receitas, mas está meio queimado.

– Não acho que sejam receitas – Liz disse lentamente, folheando as páginas. – Para mim, parece mais um livro de feitiços.

Prue bufou.

– Você tomou espumante demais, minha querida. Depois de toda aquela conversa sobre queimar bruxas.

– Ah, cale a boca – Liz respondeu brandamente. – Olhe para isso se não acredita em mim.

– Não consigo ver nada sob a luz da tocha – Prue confessou. – Vamos para a sala de estar; vai estar mais claro com a lareira.

O fogo estava apagado, restando apenas brasas, mas ainda havia luz suficiente para enxergar. Todas nos ajoelhamos ao redor da lareira, tentando entender a escrita rebuscada e intrincada. Estava intitulado “Danos contra o Domínio Fayling” e parecia ser uma lista de ingredientes, a maior parte deles ilegível ou queimada, seguida por um feitiço que parecia estar em inglês antigo.

– Uau! – até Prue estava impressionada. – Realmente é um livro de feitiços. Vamos dar uma olhada no resto, Liz. Não posso dizer que eu particularmente me importe com os Domínios, então talvez haja algo mais útil. Ei, Anna, seu pai tem mais espumante?

Peguei a tocha e fui dar uma olhada. Não havia mais espumante e eu não estava disposta a me aventurar pelo porão no escuro, mas havia uma garrafa de uísque no armário da cozinha. O vento uivava pela chaminé de um jeito que fez um calafrio percorrer minha espinha, e a tocha criava uma caverna sombria no teto alto da cozinha. Algo se moveu furtivamente entre as vigas e eu estremeci, ansiando para voltar para a companhia das outras. Peguei o uísque, tentando não correr enquanto fazia o caminho de volta.

– Sinto muito, só tem isso.

– Eca! – Prue exclamou. Deu um arrote elegante. – Bem, melhor do que nada, suponho. Sirva aí.

– O livro parece um pouco queimado demais para ser útil – Liz comentou –, mas, enquanto você estava ocupada, nós conseguimos encontrar algo um pouco além do ponto que fala dos Domínios. Olhe isso!

Segurou a página um pouco menos queimada do que as outras, e eu vi o cabeçalho: “Encanto para manter marido: para manter um marido fiel tanto no juramento quanto no coração, a esposa deve pegar um pouco de seu sangue e misturar secretamente no vinho dele. Ele jamais a deixará”.

– Que bom – eu disse. – Quando me casar, vou me assegurar de fazer isso. Sem dúvida, meu marido vai ficar encantado.

– E olhe o que Prue encontrou... um encantamento para prender um objeto de desejo! Você devia tentar com o Philip, June.

Todas nos esticamos para olhar para a página. Prue olhou para cima, o rosto largo brilhando maliciosamente sob a luz da lareira.

– Vamos! Vamos experimentar! Escutem – começou a ler pausadamente, tropeçando nas palavras rabiscadas e desconhecidas do feitiço. – “Para prender um objeto de desejo, tão próximo quanto carne do osso, quanto o peixe do mar, quanto a chama do fogo. Quando a lua crescer, deixe a bruxa segurar em seu coração a pessoa amada, enquanto fala em voz alta as palavras de poder.”

Ela segurou o livro e abaixamos as cabeças, lendo em silêncio a frase curta. As palavras estranhas me faziam lembrar de quando li *Beowulf* na escola. “*Amorreal*” – eu reconhecia *amor*, então talvez *amorreal* fosse amor verdadeiro. “*Fei*” eu não reconhecia – pensava que talvez pudesse ser fé ou algo do tipo. “*Anima*” parecia algo como alma. Não pude evitar um calafrio. O que estávamos pedindo – ou prometendo – com aquelas palavras?

– Vamos! Vamos tentar! – Prue incentivou. Seu rosto estava brilhante e vermelho do vinho. Eu me perguntava se ela tinha alguém especial em mente. – Vamos fazer todas juntas.

– Oooh... vamos, então! – Liz tomou outro gole de uísque.

– Vou fazer para que Philip me convide para o baile! – June deu uma risadinha e, na sequência, um arroteo poderoso.

– Anna?

Eu não queria fazer aquilo. De verdade, não queria. Havia algo sinistro naquele livro queimado com sua escrita rabiscada e intrincada. Ficava me perguntando quem havia sido o último a ter o livro e por que estava trancado no forno de pão. Estavam tentando escondê-lo – ou destruí-lo? De qualquer forma, alguém tivera muito trabalho para mantê-lo longe de olhos curiosos. E agora nós o havíamos desenterrado, aberto suas páginas enegrecidas e lido as palavras ocultas e silenciosas por tanto tempo. Tinha a forte sensação de que estávamos nos metendo onde não devíamos.

– Não sei – eu disse. O fogo se avivou, lançando altas sombras ondulantes nas paredes e no teto, e as chamas refletidas nos painéis das janelas e na superfície polida dos móveis, até parecer que a própria Casa Wicker estava queimando.

– Ah, vamos láááááááá – June implorou, em um tom exagerado de súplica. – Pensei que você tinha dito que não era supersticiosa.

Eu tinha dito. E realmente parecia estúpido ter medo de umas poucas palavras em um pedaço de papel queimado. Não era como se estivessem me convidando para beber olho de salamandra. Olhei para os rostos em círculo, os olhos brilhantes delas me incentivando, e a estranha e tensa sensação brotando dentro de mim novamente. Era como se alguma criatura dentro de mim tentasse sair, tentasse escapar.

– Assustada? – Prue perguntou, e sua voz era sarcástica. Eu não queria fazer aquilo, mas não queria ser o bebê chorão certinho de Londres tampouco. A coisa presa se ergueu dentro de mim, e me sufocava. Não havia como escapar.

– Ah... Ok – respondi. Minha voz soou estranha e dura em meus ouvidos, e meu rosto estava quente.

– Eba! – June comemorou. – Acho que devemos dar as mãos; círculo de poder e essas coisas, vocês sabem.

Ajoelhamo-nos diante da lareira e demos as mãos sob a luz tremulante do fogo. Eu estava de frente para Prue, o cabelo espetado e despenteado em volta do rosto. Sob a luz fraca e

inconstante, ela parecia completamente uma bruxa, e eu não teria ficado surpresa em ouvir o estouro de um trovão ou o grito de uma coruja quebrando o silêncio da noite.

– Ok, todo mundo consegue ver a página? – June perguntou. Todas assentiram.

– Nós vamos mentalizar a imagem de nossos amados e dizer o encantamento. Prontas?

Eu não pretendia pensar em ninguém em particular. Mas, enquanto as estranhas palavras saíam da minha boca, uma imagem veio de maneira involuntária à minha mente. Era o rosto de Seth Waters.



Depois de terminarmos de falar, houve um profundo silêncio, quebrado apenas pelo gemido do vento do lado de fora da janela e pelo crepitar da lenha na lareira. Soltamos as mãos, e June se abaixou e pegou o livro.

– Bem, é isso – ela disse, e o fechou de um golpe. Algo no formato de uma folha voou para fora e todas nos abaixamos ao mesmo tempo para pegar.

Não era uma folha. Era uma mão – a pele da palma e dos dedos, seca e achatada entre as páginas do livro como uma flor cruel e disforme.

– Ah, eca, eca! – June gritou e chutou violentamente a coisa na direção do fogo, em pânico enojado. Pegou uma tora de lenha com a ponta da bota, e toda a massa se moveu e caiu no centro da lareira, com uma chuva de faíscas que se espalhou pelo aposento. Nós as apagamos com as mãos e os pés – e, quando as chamas diminuíram, a coisa, o que quer que fosse, tinha ido embora.

Fizemos silêncio por um segundo, então Prue vomitou ruidosamente no balde de carvão, e as luzes voltaram com rapidez chocante.



Fiquei muito feliz em não dormir sozinha naquela noite. A casa rangia e gemia como se o vento estivesse forte lá fora, embora a noite estivesse tranquila. Ouvei o ritmo lento da respiração de Prue e tentei não escutar os ruídos agudos da madeira ou o arranhado ritmado das coisas que espreitavam o sótão.

Em vez disso, fiquei deitada na escuridão e tentei pensar em “coisas agradáveis”, como meu pai me dizia para fazer quando eu era pequena e tinha um pesadelo. Pensei em meu pai, em Suzie, Lauren. Pensei em ver todos os meus amigos, em receber a visita deles. Verão no grande jardim... nadar no mar...

Minha respiração ficou mais lenta. Estava quase dormindo quando meu ouvido captou outro som, algo flutuando contra a janela. O barulho era furtivo, suave, persistente. Fechei os olhos com força e puxei os lençóis até o queixo, afastando a visão de uma mão seca e morta, prensada como papel fino, arranhando a janela, tentando entrar.

[2.](#) Referência ao livro *As 35 regras para conquistar o homem perfeito*, de Ellen Fein e Scherrie Schneider. (N. do E.)

[3.](#) Domesday é um grande levantamento feito por William I, o Conquistador, na Inglaterra do século XI. Finalizado em 1068, o livro trazia registros sobre os súditos do rei e suas propriedades. (N. do T.)

CAPÍTULO QUATRO

Na segunda de manhã, corri até Liz e Prue no estacionamento da escola. As duas pareciam um pouco envergonhadas. Prue estava corando.

– Desculpe o vômito, Anna. Eu realmente pretendia limpar, mas...

– Está tudo bem, de verdade. Eu não estava tão mal quanto o resto de vocês, acho. De qualquer forma, não posso imaginar como limpar o estrume do estábulo de ressaca possa ser mais divertido.

– Não foi – Prue fez uma careta. – Bem, desculpe qualquer coisa. Ah... e surpresa, surpresa, vimos Philip Granger no caminho de volta dos estábulos e ele ignorou June como sempre. Não há atalhos no amor, imagino. Ah, olhe, ela está aqui. Ei, June!

June estava correndo pelo estacionamento. Seu rosto estava vermelho com o esforço, e ela tinha uma expressão muito estranha; uma mistura de alerta e emoção animada.

– Ei, garotas – ela engasgou. – Anna, vim avisar você, fique com a jaqueta.

– O quê? – eu disse, intrigada.

O peito de June estava ofegante, mas ela conseguiu dizer:

– Ouvi do passarinho verde... – parou de falar, os olhos fixos em algo sobre meus ombros. – Tarde demais.

Caroline estava atravessando o estacionamento na nossa direção. O rosto dela estava tão implacável que olhei involuntariamente para trás para ver se alguém mais podia ser objeto de sua fúria, mas não havia ninguém. Havia, no entanto, uma grande multidão diante de mim, e mais pessoas se juntavam a cada instante. Havia um zunzunzum elétrico no ar.

Quando chegou até nós, Caroline parou. Seus olhos azuis eram frios como gelo, e ela se inclinou tão perto de mim que eu podia sentir os perdigotos enquanto sussurrava em meu rosto.

– Ouça, sua vadia ladra de namorados, aposto que está satisfeita consigo mesma neste momento, mas vou me assegurar de que não tenha um único amigo em Winter até o fim do dia de hoje. Ah... – ela se deteve, em confusão fingida, e colocou um dedo sobre os lábios.

– Eu esqueci. Você não tem nenhum que valha a pena. Se acha que qualquer lixo feio pode vir de Londres e começar a roubar os namorados das pessoas que vivem aqui a vida toda, é melhor mudar de ideia. Estávamos saindo a mais de um *ano*, pelo amor de Deus.

Vi, atônita, que havia lágrimas nos olhos dela. Uma de suas amigas deu um passo para a frente e disse, timidamente:

– Caroline, deixe pra lá.

– Cale a boca! – Caroline gritou. Então se voltou para mim. – Vai lamentar isso o resto de sua vida, vadia. Enquanto isso, tem uma coisa com a qual você pode lidar.

Ela levantou a mão e me esbofeteou com força.

Doeu. Muito. Cambaleei com a força do golpe, meus ouvidos zumbiram e vi estrelas – exatamente como nos filmes. Quando a tontura diminuiu, pude sentir meu rosto começando a arder com uma dor aguda. Então ela cuspiu nos meus pés e se virou para ir embora.

– Pare, Caroline! – alguém gritou, e eu procurei e vi Seth atravessando a quadra. O rosto dele estava lívido e, pela primeira vez, pude ver de onde sua reputação vinha: eu tive dificuldades em acreditar na fofoca que June me contara, mas, agora, vendo seu rosto sombrio de fúria, os músculos dos ombros retesados e duros, podia imaginá-lo batendo em alguém. Talvez até batendo com força o bastante para causar danos consideráveis.

– Pare com isso – a voz dele era baixa, mas mortalmente irada. – Eu te disse, não é culpa dela.

– É claro que é culpa dela – Caroline replicou. – Nós éramos completamente felizes até que *ela* apareceu. Ela é uma completa bruxa e eu a odeio – tentou ir embora novamente, e Seth segurou-a pelo ombro com tanta força que me senti até complacente, apesar do cuspe e da dor ardida em minha bochecha.

– Pelo amor de Deus – Seth sibilou entre os dentes –, apenas cale a boca, você só está se envergonhando. Sugiro que se desculpe *agora* por ter batido nela, ou *você* será a que vai lamentar tudo isso.

– Me solte, Seth, está me machucando! – ela se contorceu para se libertar do namorado, e ele tirou a mão, mas negou com a cabeça.

– Você machucou Anna primeiro.

– Que bom.

Caroline passou por ele sem dizer nenhuma outra palavra e se foi.

Seth se virou para mim e segurou meu rosto carinhosamente com as duas mãos, virando minha bochecha vermelha para a luz.

– Ah, Anna, eu sinto tanto – tocou com gentileza o hematoma inchado. Estremeci, e o rosto dele refletia minha dor como um espelho. – Eu devia ter avisado você. Sabia que ela estava em modo de guerra, mas nunca imaginei que iria se dignar a isso... Ah, Cristo – tocou meu lábio. – Está sangrando.

– O que está acontecendo? – perguntei grosseiramente. Era difícil falar, e o lado da minha boca parecia inchado. Seth parecia estranho; havia olheiras escuras sob seus olhos como se não tivesse dormido, e suas roupas estavam ainda mais mal-arranjadas e desalinhasadas do que de costume. – Você está bem? – perguntei, através do sangue, mas ele ignorou minha pergunta.

– É melhor irmos para a enfermaria.

Ele colocou um braço ao redor dos meus ombros, levando-me pelo estacionamento, entre a multidão de espectadores boquiabertos que sussurravam e que se abria como o Mar Vermelho para nos deixar passar. Seus rostos estavam cheios de surpresa e, em mais de um caso, inveja. Imaginei que muitas teriam trocado de lugar comigo, rostos ardendo e tudo o mais, a fim de estar ao lado de Seth. Eu preferia estar em qualquer outro lugar.



– Mas que diabos! – a Sra. Carlisle exclamou enquanto destrancava o armário de primeiros socorros. – Quem fez isso?

Seth abriu a boca para falar, mas eu falei primeiro:

– Ninguém, bati num poste.

A Sra. Carlisle se virou e ergueu uma sobrancelha, sarcástica.

– Sério?

– Sim – só que saiu algo muito mais parecido com “xim”.

– Um poste em formato de mão?

Dei de ombros, e ela revirou os olhos.

– Bem, não posso obrigá-la a me contar, mas há uma política *antibullying* rigorosa nesta escola, e, se eu te encontrar aqui novamente, vou ter que fazer algumas perguntas; e não vou perguntar para *você*, mocinha.

Dei de ombros novamente e fiz uma careta quando ela passou um pouco de antisséptico no meu lábio cortado. Seth ficou parado perto de mim, segurando minha mão, a cabeça baixa. Parecia a figura da culpa, e tive a impressão de que a Sra. Carlisle pensava que provavelmente ele era o responsável por aquilo. Teria ajudado se eu tivesse ideia do que estava acontecendo, desde o início, mas não tinha intenção de dedurar Caroline. Havia algum grande mal-entendido e eu realmente não queria transformar em inferno minha segunda semana no Colégio Winter.

Quando a Sra. Carlisle terminou de fazer o curativo, ela me deu uma bolsa de gelo para colocar no rosto e disse:

– Vou levá-la para sua primeira aula, Anna. Qual é?

– Cláxicos – balbuciei.

– Certo. Seth, onde supostamente você deveria estar?

– Química, mas, Sra. Carlisle, eu poderia, por favor, conversar com a Anna...

– *Não* – a Sra. Carlisle respondeu com tanta força que até mesmo a óbvia determinação de Seth estremeceu um pouco. – Quero conversar com a Anna. Sozinha.



Enquanto atravessávamos o edifício, ela tentou conseguir mais informações de mim por meio de um bate-papo casual, claramente insatisfeita com a história que tinha até então. Mas eu não ia falar – primeiro, porque doía muito –, e minhas respostas sim-ou-não monossilábicas não a levaram a lugar algum. Depois de um tempo,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma bruxa na cidade (Trilogia Winter)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).